PALESTRA

ARQUIVO DE JOSÉ LINS DO REGO: UM PROJETO, UMA EXPERIÊNCIA

Sônia Maria van Dijek Lima UFPB

Motivação política do trabalho em arquivos

Cabendo-nos tratar de nossa experiência no arquivo de José Lins do Rego, comecemos por justificar nossa iniciativa tomando como lição palavras de Heloisa Liberalli Belloto: "é preciso preservar como patrimônio estes conjuntos orgânicos de informações e respectivos suportes, por razões de transmissão cultural e visando a constituição/reconstituição incessante das formas de identidade de um grupo social como tal; de outro lado, é imprescindivel assegurar aos historiadores os testemunhos de cada geração, do modo de pensar e atuar de seus elementos, quando na sua contemporancidade". Por sua vez, em artigo na Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Amos Segala observa que "este fim de século XX destacase pela atenção especial dirigida à preservação, ao inventário e à análise dos testemunhos que definem a identidade dos povos, como se a rapidez frenética das inovações tecnológicas levasse, em um movimento de autodefesa (sic) e retorno às origens, a proteger os componentes de um patrimônio e de uma memória a um tempo essenciais e perecíveis".²

Longe de se ancomr em uma atitude nostálgica, face à fragmentação de nossa modernidade, invadida por uma espécie de cultura do provisório, ou de motivar-se no cultivo da neofobia, como reação às mudanças geradas pela tecnologia e pelas conquistas científicas, esse retorno ao passado, através do encontro com os documentos fundadores de uma identidade,

tem inspiração de posição política.

Tome-se, aqui, Política no sentido de arte de regular as relações entre os cidadãos e entre os estados. Como estamos tratando de relações culturais e não de governo, compreendemos o sentido político desse comportamento intelectual na demanda dos fundamentos de uma nacionalidade e do reconhecimento da herança cultural de outros povos, como forma de garantir o respeito mútuo às singularidades, no trato dos múltiplos interesses que aproximam as nações (ou que deveriam aproximá-las...) nessa aldeia global que se forma no fim do século. É esse sentido político que ecoa nas palavras de Léopold Sédar Senghor: "preservar os testemunhos

Arquivos permanentes: tratamento documental, São Paulo; T.A. Queiroz, 1991, p. 177.

Memória textual e identidade cultural, Trad. Elisa Angotti Kossovitch. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, n. 31, 1990, p. 5.

da criação e do pensamento e tornar acessíveis à pesquisa internacional os manuscritos dos criadores e intelectuais é um gesto de profundo civismo mediante o qual afirmamos nossa identidade e asseguramos a continuidade, a sobrevivência de nossa herança cultural".3

Poderiamos ampliar nossos argumentos, mas cremos ter demonstrado suficientemente nossa compreensão do trabalho com documentos de arquivo e nossa motivação quando formulamos o projeto "Ateliê de José Lins do Rego", no quadro do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Curso de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba. Na verdade, este é um dos dois projetos coletivos dentro da linha de pesquisa "Arquivo, Memória e Estudos de Gênese", sob nossa responsabilidade no mencionado Curso de Pós-Graduação. O outro projeto intitula-se "Hermilo Borba Filho: memória e crítica". Ambos os projetos, além de vários artigos em periódicos e comunicações em congressos (nacionais e internacionais), contam entre seus resultados dissertações de mestrado concluidas e aprovadas.

Noticia de arquivo

A Fundação Espaço Cultural da Paraíba (FUNESC) criou e instalou, em 1983, o Museu José Lins do Rego, em homenagem ao ilustre paraibano. O Museu conta com peças antigas de engenho, fotografías do patrono, de alguns de seus familiares e amigos, exemplares de sua obra (algumas primeiras edições e parte das traduções), seu gabinete de trabalho reconstituído (não só o mobiliário, mas incluindo peças de decoração e biblioteca). Em consequência da criação do Museu, o acervo documental de Lins do Rego foi colocado sob custódia da FUNESC. Por não se incorpora ao conjunto de peças em exposição permanente, a documentação de Lins do Rego foi guardada em condições bem pouco recomendáveis. Constituem esse arquivo: originais de Pureza e de Meus verdes anos, fotos, correspondência passiva, álbuns de recortes de periódicos com referências a suas obras, textos de Gregos e troianos na forma de sua publicação em jornal, manuscrito de apresentação dessas crônicas organizadas em livro e outros documentos de valor.

Trata-se, portanto, de um arquivo pessoal, que, conforme definição de Heloisa Liberalli Belloto, é um "... conjunto de papéis e material audiovisual ou iconográfico resultante da vida e da obra/atividade de estadistas, políticos, (...) cientistas, escritores, artistas, etc. Enfim, de pessoa cuja maneira de pensar, agir, atuar e viver possa ter algum interesse para as pesquisas nas respectivas áreas onde desenvolveram suas atividades; ou ainda, de que as informações inéditas contidas nos seus documentos, se divulgadas na comunidade científica e na sociedade civil, tragam fatos novos às ciências, à arte e à sociedade".4

Op. Cit., p. 179.

Todavia, é delicada a situação do arquivo de Lins do Rego. Por razões que não nos cabe discutir ou analisar, o Museu não tem recebido a atenção necessária à conservação das peças que abriga. Os documentos do arquivo estão submetidos a esse contexto. Vítimas de certa idiossincrasia cultural, esses documentos merecem lembrança por ocasião dos festejos e comemorações de datas; nessas oportunidades, são sujeitos a condições críticas, como iluminação danosa para a conservação dos papéis e nem sempre manipulados com o escrúpulo das mãos limpas. Encerrada a festa, volta a documentação ao silêncio do esquecimento até o ano seguinte.

A importância de Lins do Rego no conjunto da produção brasileira e a relevância de sua obra regionalista são por demais conhecidas e têm sido ressaltadas pela crítica especializada. Contudo, como se percebe, os materiais de seu arquivo podem acrescentar dados que estimulem o aprofundamento da discussão crítica em torno de sua produção. Seu fazer poético ainda não está suficientemente conhecido, embora seja extensa sua fortuna crítica; nesse caso, o estudo de seus manuscritos trará esclarecimentos quanto a fases de escritura, quanto a seus modos de proceder, penetrando na gênese de seu discurso.

O projeto "Ateliê"

Iniciado em 1988, o projeto "Ateliê de José Lins do Rego" é a primeira proposta de trabalho sobre o arquivo do autor de Usina a ser implantada.5 A proposta tem múltiplas faces. Pretendendo organizar e estudar os documentos, estabelecia, inicialmente, a contribuição para a conservação do acervo como uma tarefa natural. Logo descobrimos que o compromisso "natural" com a preservação devia ser encarado como fundamental: nas condições em que encontramos a documentação, ou tomávamos imediatamente um mínimo de cuidados para a manutenção da vida dos materiais ou, em breve tempo, não haveria muito o que se organizar e tampouco o que ser estudado no decorrer do trabalho. O projeto providenciou, dentro dos limites impostos pela atitude da instituição, uma verdadeira operação de socorro aos documentos. Os papéis foram retirados dos úmidos envelopes de papel "madeira" em que viviam em estantes abertas e encostadas nas paredes e transportados para armários de aço fechados. Alguns documentos foram limpos com pincel e outros receberam banhos. Nosso consultor técnico, Edson Almeida de Macedo, auxiliou-nos restaurando documentos e orientando o trabalho de uma das bolsistas encarregada dos procedimentos de conservação. Foram recuperadas algumas preciosidades como os originais de uma das fases de escritura de Pureza, o manuscrito do texto de apresentação de Gregos e troianos, o diploma de Di-

A palavra escrita... uma frágil herança. Trad. Clóvis Alberto Mendes de Moraes. O Correio da Unesco, [Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas] ano 17, n. 7, jul. 1989, p. 4.

Atualmente a oquipe tem a seguinte composição: Eduardo Valones, Geane de Luna Souto, Josete Oliveira Targino Moreno, Lauro Meller, Maria do Socorro Barbosa Araújo, Maria do Socorro Rosas, Maria Elizabeth Peregrino Souto Maior, Maria Socorro dos Santos, Marilene Carlos do Vale Melo, Nestor Pinto de Figueirodo Júnior, Regivaldo Batista Monteiro, Rosana Oliveira de Sá, Wylka Carlos Lima Vidal.

reito de Lins do Rego, que hoje está permanentemente exposto no Museu. Muitos documentos, contudo, continuam esperando restauração.

No que se refere à organização do acervo, após a identificação sumária dos documentos, esses foram ordenados em séries e em subséries, conforme a necessidade. Como resultado, temos alguns catálogos já preparados, como: série Fotos - com suas subséries: "Fotos da vida de JLR" (FOv. 66 does.), "Fotos acerca da obra de JLR" (FOo. 26 does.), "Fotos da família de JLR (FOf, 10 does.), "Fotos de engenhos" (FOe, 49 does.); série Correspondência Passiva - com as seguintes subséries: "Cartas de Olívio Montenegro" (CP-OM, 132 docs.), "Cartas de Gilberto Freyre" - anos 40 (CP-GF, 35 docs.), "Telegramas e radiogramas" (5 docs.); da série Fortuna Critica: recortes de periódicos (FCr), informando o material publicado quando do lançamento de Banguê e de Usina e acondicionado em álbuns de recortes. Como parte da série Diversos, citamos os originais de Meus verdes anos e os de uma das fases de escritura de Pureza. Encontradas as medalhas e as carteiras que pertenceram a Lins do Rego, realizaram-se dois catálogos desses objetos organizados como coleções: Coleção de Medalhas (CM, 15 peças) e Coleção de Carteiras (CC, 4 does.). Desses instrumentos, estão publicados, em periódicos de João Pessoa, o catálogo da Correspondência Passiva - "Gilberto Freyre, anos 40"; os da Coleção de Medalhas e da Coleção de Carteiras. Os demais, ainda que mereçam uma revisão definitiva, já estão à disposição dos estudiosos. Não sendo possível um comentário detalhado acerca de cada um dos citados catálogos, informaremos, sumariamente apenas sobre os documentos da subsérie "Cartas de Olívio Montenegro" e da série Fotos,6

Vale a pena mencionarmos que das cartas assinadas por Olivio Montenegro surge a figura de um amigo fiel. Atento à obra do outro, acompanha não só os lançamentos dos romances mas também lê os textos que Lins do Rego assina nos muitos periódicos em que colaborou. Olívio Montenegro critica, elogia e oferece sugestões e até mesmo dá noticia das críticas sobre a obra do amigo que estão sendo publicadas. Mas é o próprio Olivio Montenegro que se impõe como personalidade digna de atenção nessas cartas. Ali está o cidadão que se submete a concurso para professor. Encontramos o intelectual informado sobre seu tempo no leitor ávido que conhece tanto Proust, Joyce, José Américo de Almeida, como Manuel Bandeira e o livro de Isadora Duncan; isso para não falarmos de suas leituras da poesia de Jorge de Lima ou das notícias sobre a marcha da composição de Casa-grande & senzala; crítico literário em tempo integral, contrapõe Vieira a Mário de Andrade, que lhe parece exagerado no "brasileirismo". Mas não se esgota nesses aspectos o interesse dos autógrafos de Olivio Montenegro; não podemos esquecer que em suas cartas há um verdadeiro esboço da crônica de uma epoca, quer nas menções aos

A série Fotos presentifica José Lins do Rego na turma de concluintes do Colégio Diocesano Pio X; ao lado de figuras como Assis Chateaubriand; com moradores do engenho Corredor. Temos José Lins do Rego tanto recebendo homenagem, como emprestando seu apoio à campanha política do amigo José Américo de Almeida. O conhecido José Lins do Rego na foto da posse na Academia Brasileira de Letras, na companhia de Manuel Bandeira e Negrão de Lima, convive com o desconhecido José Lins do Rego na casa do alfaiate, quando da primeira prova do fardão. Esta série também mergulha no passado distante e traz de volta o velho Num, o patriarca e tetravô do menino de engenho que, em ocasião mais recente, vai ao carnaval com a esposa e as filhas. Nas fotos de engenhos, com suas casas-grandes, caixa de música e instalações de fabricação de açúcar, revisitamos um tempo de apogeu e acompanhamos o processo de decadência da economia açucareira do Nordeste. Podemos escolher o retorno ao ambiente que inspirou um ciclo romanesco ou penetrar no laboratório poético onde foi gestada boa parte da obra de Lins do Rego, olhando as fotografías de seu gabinete de trabalho no Rio de Janeiro.

É importante a informação de que nem todos os documentos da série Fotos são de fato do fundo José Lins do Rego. Muitas dessas fotografias foram geradas pelo Museu, em decorrência de suas necessidades. É o caso, por exemplo, das fotos do gabinete de trabalho de Lins do Rego, em sua residência no Rio de Janeiro. Foram providenciadas quando da transferência dos materiais para a reconstituição de sua sala de trabalho. No entanto, resolvemos incluí-las no catálogo do acervo por testemunharem o verdadeiro ambiente onde trabalhava o autor, constituindo-se documentos de um espaço original que foi desmontado para ser reconstituído dentro de uns tantos limites impostos pelas circunstâncias e objetivos.

Alguns outros catálogos, como os das subséries "Cartas de diversos correspondentes estrangeiros" e "Cartas de diversos correspondentes brasileiros", estão em fase de conclusão e, em breve, serão submetidos à revisão. No entanto, podemos adiantar que esses instrumentos indicarão autógrafos de Vitorino Nemésio, Graciliano Ramos, Erico Verissimo, entre outros, além de cartas de editores, como o da tradução de Fogo morto para o francês, que sugere Blaise Cendrars como prefaciador do livro. Também está em fase final o levantamento dos recortes de periódicos com textos referentes a Pedra Bonita.

No que se refere à exploração dos documentos em estudos específicos, os originais de Meus verdes anos estão sendo trabalhados com vistas a uma edição genética e seu estudo tem resultado em análises voltadas para os procedimentos escriturais de Lins do Rego. Dentre tais investigações gostariamos de salientar o estudo da construção do narrador e narratário (protonarrador e protonarratário), realizado por Maria Lúcia de Souza Agra, em dissertação de mestrado sob nossa orientação.⁷ Temos tam-

O primeiro foi preparado por Eduardo Valones, Maria Elizabeth Peregrino Souto Maior e Regivaldo Batista Monteiro; a equipe teve como colaboradoras Maria José Leite Cavalcanti, Josete Oliveira Targino e Rejane Maria Pordeus Pereira. A série Fotos foi catalogada por Marilene Carlos do Vale Melo, com a colaboração de Maria Neni de Freitas.

A construção da estratégia narrativa no prototexto de Meus Verdes Anos, João Pessoa; Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, 1992, Inédito em livro.

bém iniciada a análise da construção da linguagem regional e popular na narrativa de Meus verdes anos.

Dentro do objetivo de investigar o fazer poético de Lins do Rego, o projeto decidiu ampliar o corpus em estudo. Assim, adquirimos junto à Fundação Casa de Rui Barbosa o microfilme dos originais de Menino de engenho, que estão sendo trabalhados para preparação de uma edição genética, por Marilene Carlos do Vale Melo. O Sr. José Mindlin cedeu-nos cópia microfilmada do manuscrito de Banguê, cujo estudo já motivou uma breve comunicação em congresso.*

As atividades de investigação voltadas para a crítica genética exigem a constante verificação do processo de escritura, revelado nas rasuras e outras marcas dos originais, assim como o inventário das modificações operadas em relação á forma que as obras em estudo assumiram na publicação. As edições genéticas pretendidas estarão concluídas após o trabalho de conferência das situações e de rigorosa revisão das modificações identificadas na análise.

Em seus objetivos, o "Ateliê de José Lins do Rego" não se esquece da formação de novos pesquisadores. Como sempre despertou interesse entre os alunos de graduação e de pós-graduação em Letras, o projeto foi assumindo, de uma maneira muito evidente, o caráter de oficina de formação de novos estudiosos. E isso não se refere apenas ao trabalho feito com alunos de pós-graduação, mas queremos falar dos bolsistas de IC e de APB (9) e dos voluntários, que ao longo desses anos participam (ou participaram) das atividades da pesquisa. O grupo não se restringiu à área de Letras; sempre teve espaço para outras formações universitárias, como História e Biblioteconomia. Temos certeza de que esses futuros intelectuais poderão transmitir a outras gerações a preocupação com os testemunhos de nossa herança cultural, pois, no mínimo, estão sensibilizados para a importância dos arquivos. A eles tem sido mostrada a validade do estudo de fatos culturais e literários, investigados em uma documentação preservada. No decorrer do trabalho, aprende-se a tratar aspectos da história literária evitando inferências, nem sempre autorizadas pelos documentos, que, todavia, equivocadamente, se "justificam" pelos recheios de erudição.

À guisa de balanço

Acreditamos que a defesa dos testemunhos da memória cultural está na dependência direta do interesse que os pesquisadores demonstrem pelos arquivos. Quanto mais pessoas interessadas nesse tipo de investigação houver, maior será a consciência da importância dos documentos e maior será a disposição para defender sua conservação.

Oue não se julgue o "Ateliê de José Lins do Rego" meramente como uma proposta quixotesca. Temos certeza de que a sobrevivência do arquivo de Lins do Rego está diretamente ligada, no contexto paraibano, a circunstâncias que não pertencem à alçada de um grupo de pesquisadores em atuação. A responsabilidade é mesmo da instituição que assumiu a guanda dos documentos. A nós cabe a tarefa de tentar preservar e despertar em outros interessados o mesmo compromisso, pois a omissão face ao descaso torna-se conivência. Os documentos devem viver por muito mais tempo que a duração prevista para um projeto de pesquisa e que o tempo de atuação desta ou de outra coordenadora de equipe. Por isso falamos da responsabilidade da instituição que custodia o acervo: seu tempo antecede e excede aquele de qualquer proposta de investigação em particular. Por outro lado, o valor de uma instituição que guarda testemunhos documentais bem pode ser medido pelo seu grau de zelo diante da tarefa que lhe foi indicada pela História. De nossa parte, propomos que o "Ateliê de José Lins do Rego" funcione até 1995; até lá esperamos ter cumprido os objetivos específicos do projeto e ter contribuido para a preservação do arquivo de José Lins do Rego, contando com uma equipe de trabalho comprometida com a defesa de um recorte de nossa herança cultural. Depois... Bem... Outros pesquisadores viño e contribuiño de forma mais eficaz para a permanência do acervo daquele que atualizou na literatura a memória de algumas das encruzilhadas de nossa formação nacional.

VIDAL, Wylka Carlos Lima. Aa transformações em Banguê: do manuscrito ao texto publicado. III ENCONTRO DE ECDÓTICA E CRÍTICA GENÉTICA, João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário, Fundação Espaço Cultural da Paraíba, Fundação Casa de José Américo, 1991. Anais, João Pessoa, 1993, p. 159-162.